

REFLEXÕES SOBRE O NATAL

(Para serem lidas pelos maiores de 40 anos)

Há muitos anos, comprei um gravador de som. Foi uma festa na minha casa. Até então, nenhum de nós tinha ouvido a própria voz. Fizemos discursos, cantamos, declamamos poesias, entrevistamos amigos e parentes. O gravador de fita dominou todas as atenções, pois nos encantou a maravilha da técnica, a fidelidade das reproduções.

Estávamos no ano de 1959. Chegou o natal. Depois da ceia, com a casa totalmente iluminada, ainda em volta da mesa, fiz uma reportagem, usando o microfone:

“Estamos na noite de Natal de 1959. Aqui em casa estão presentes: Meu Pai e minha Mãe; Meu avô Júlio. Eu, a Luíza, meus três filhos Rubinho, Netinho e Perseu. A tia Lucila e nossa prima Antoninha, o amigo da família Cezarino Scaramuzza e as empregadas. A refeição foi farta: cabrito assado, leitoa frita, peru de forno, nozes e demais frutas secas, bolinhos de mel, bolo, tâmaras e um mundo de outras coisas e, inclusive vinhos e refrigerantes.” Sempre com vistas para a posteridade, gravei: “o ano de 1959 foi excelente: todos com saúde, o Rubinho passou para o segundo ano do Grupo, em primeiro lugar, o Netinho é um capeta e o Perseu já está

falando suas primeiras palavras. A advocacia foi bem, ganhei dinheiro. Depois de rezar, a família abriu os presentes, mas quem se encantou mesmo foram as crianças: caminhos, velocípedes, bolas, espingardas de pressão, jogos, cometas, apitos".

Em seguida, a começar por meu avô Júlio, cada um gravou sua mensagem ao microfone, desejando felicidade, paz e amor para 1960. Meu avô, com a voz já trêmula. Meu Pai, falando de Jesus. Minha Mãe, com sua dicção perfeita. A Luíza oferecendo nossa casa e convidando para o próximo ano. Os dois primeiros filhos, louvando os brinquedos e o último apenas balbuciando. O Cezarino, agradecendo, com sua fala fanhosa. Foi uma beleza. Foi um Natal e tanto.

Guardei a fita gravada. E nos anos subseqüentes, 60, 61, 62, 63, sempre depois da ceia, pegava o gravador e fazia nova reportagem, nomeando as pessoas que estavam em casa, as comidas existentes, os presentes, os brinquedos, os sucessos e derrotas do ano. Depois, todos diziam algumas palavras. Nunca fomos tão felizes. A luz que mais iluminava nosso Natal não era a das lâmpadas, era a do nosso coração, da nossa alegria. Quem me dera voltar àqueles anos, quando as crianças eram pequenas...

Uma noite destas, fui ao meu escritório. Abri uma estante. Tirei e espanei o velho gravador. Peguei uma fita, onde estava escrito: natais de 1959/60/61/62/63. Coloquei o gravador sobre a mesa. Acendi um cigarro. A fita começou a rodar. Ouvi minha voz: "Estamos no Natal de 1959. Aqui em casa, estão presentes..... cabrito assado, leitoa.... bolo, tâmaras.... o Rubinho passou para o segundo ano do grupo... carinhos, velocípedes..." Depois, ouvi a trêmula voz de meu avô Júlio... a voz segura de meu Pai.

Não agüentei mais. Chorei de soluçar. Sozinho em meu escritório, que está cheio de livros e mais cheio de lembranças, chorei perdidamente.

Nunca mais, nunca mais mesmo, vou lidar com o gravador. Não quero mais saber das fitas natalinas. Nunca mais vou ouvir de novo as vozes de meu avô Júlio e de meu Pai.

O Natal é festa para crianças. É a festa mais bela e mais triste do mundo. Jesus que me perdoe.